

SAÚDE NA ESCOLA UMA PRÁTICA NO COTIDIANO DA ESTRATÉGIA DA SAÚDE DA FAMÍLIA

Área Temática: Saúde

Carliuza Luna Fernandes¹, Mara Cristina Soares Sampaio², Cibele Duarte Parulla, Gilliane Marks, Ana Paula Vaghetti, Lisiane Correa, Miriam Mezo, Maiara Röhm, Fabiana Costa³, Camila Britto Rodrigues, Régis Trindade, Fábio Bonalume, Gabriel Teles, Raul Goulart de Andrade, Débora Lunkes Strieder, Inês Gullich, Juliana Santos Vieira da Fonseca, Natália Bolbadilha de Castro⁴

Palavras-chave: saúde na escola, acuidade visual, educação.

Partindo do princípio que a Estratégia Saúde da Família (ESF) foi escolhida como forma de reorientar o modelo assistencial do SUS a partir da atenção básica, observamos que uma Unidade de Saúde da Família deve se destinar a “realizar a atenção contínua nas especialidades básicas, com uma equipe multiprofissional habilitada para desenvolver as atividades de promoção, proteção e recuperação da saúde, características do nível primário de atenção” (COSTA, 2004). Desta forma, percebemos que o uso da educação em saúde proporciona a orientação das pessoas para a tomada de decisões no sentido da promoção da saúde, melhorando a sua qualidade de vida. Neste papel de facilitador o profissional da saúde interage com os grupos sociais fazendo com que os indivíduos resgatem a sua cidadania, favorecendo a promoção e manutenção da saúde. Nesta linha de pensamento objetivamos com este estudo demonstrar o elo que a saúde e a educação vêm traçando e firmando ao longo dos anos através de diversas ações preventivas e de promoção da saúde em uma Unidade da Estratégia de Saúde da Família de uma cidade do extremo sul do RS com duas Escolas Municipais, sendo uma de Ensino Fundamental e outra de Apoio Pedagógico, situadas em sua proximidade. Para tanto, acompanhamos 63 meninos e meninas entre 6 e 14 anos de idade, quanto a sua acuidade visual utilizando a tabela de Snellen. Como já desenvolvemos várias ações conjuntas há mais de dois anos com o mesmo intuito e em diferentes enfoques na área da saúde a liberação dos pais é cedida perante o comunicado da direção da escola em agenda escolar, sendo considerado como uma prática normal no cotidiano das escolas. A partir desta triagem realizamos o levantamento das dificuldades, carências, necessidades e outros problemas referentes ao teste de acuidade visual (TAV) e repassamos isto para os profissionais de suas unidades de origem se não forem pacientes de nossa área de abrangência para a devida intervenção. Neste momento em que visitamos a escola tivemos 3 casos severos com indicação de consulta oftalmológica, que não utilizavam lentes corretivas ainda e desconheciam problemas oculares, os demais obtiveram uma média de relação OD/OE =

¹ Enfermagem e obstetrícia. Estratégia Saúde da Família Prefeitura Municipal do Rio Grande - RS

² Medicina. Estratégia Saúde da Família Prefeitura Municipal do Rio Grande - RS

³ Alunos da graduação Enfermagem - FURG. Bolsistas PET Saúde- Ministério da Saúde.

⁴ Alunos da graduação Medicina - FURG. Bolsistas PET Saúde- Ministério da Saúde.

VIII Mostra da Produção Universitária – 2009

XII Seminário de Extensão

20/13 sendo considerado dentro dos padrões normais para o TAV. Com esta prática foi possível observarmos que embora exista a indicação de realização de TAV em todas as crianças com 4 anos ou mais, principalmente, nas que já ingressaram na escola, vemos que poucos utilizam esta prática. Mesmo sendo uma ação de simples atuação, mas de grande repercussão, pois ao detectarmos, precocemente, numa criança um déficit visual estaremos auxiliando no seu aprendizado, no seu relacionamento e acima de tudo na sua “visão” de mundo. Um mundo em que ela não conhece de outra forma se nós não mostrarmos como ela poderá enxergá-lo e é para isso que estamos aqui enquanto profissionais e enquanto educadores de saúde.